

## Os Sacramentos

O Eterno decidiu levar a cabo seu plano de salvação para redimir pecadores e congregá-los, fazendo deles um povo, o seu povo, a igreja. Já vimos que para os Reformadores “não é a qualidade de seus membros, mas sim a presença dos meios oficiais de graça, que constitui a verdadeira igreja”.<sup>1</sup> Mas quais os meios de graça? Hodge responde nos lembrando que “os meios de graça, conforme os padrões da igreja, são a Palavra, os Sacramentos e a oração”.<sup>2</sup>

Quando citamos as Escrituras e a oração, nossa imaginação prontamente compreende essas graças maravilhosas que o Eterno nos deu para avançar na santificação, mas o mesmo não ocorre com os sacramentos. É interessante notar que praticamente todas as igrejas locais e denominações da cristandade praticam os sacramentos, de maneira que em dado sentido os mesmos unem todos os cristãos. Contudo, é importante notar que devido as diferenças na maneira como são compreendidos, ao mesmo tempo os sacramentos são ponto de debate e frequentemente de separação no seio da igreja cristã.<sup>3</sup> Este fato nos leva as questões: o que são os sacramentos? Quantos são? O que significam? Qual sua eficácia?

Inicialmente, é necessário lembrar que o termo sacramento não aparece nas Escrituras. O termo provavelmente foi cunhado por Tertuliano que utilizou o termo latino “*sacramentum*” tanto para se referir ao mistério da Salvação em Cristo como “aos sinais e ritos que, na vida da igreja, estavam relacionados a esta salvação”.<sup>4</sup> O termo sacramento significava em seu contexto original “um juramento sagrado”.

Dizer como o termo nasceu é consideravelmente mais simples do que afirmar o que ele passou a significar, pois ao longo da história da igreja surgiram inúmeras controvérsias do que seriam os sacramentos, sua quantidade e eficácia. Foi Agostinho de Hipona que deu uma substancial contribuição para a concepção do sacramento como um “sinal visível de uma graça invisível”. Agostinho também demonstrou que um sacramento é um sinal e que este sinal deve manter alguma relação para a realidade para a qual aponta. Contudo, “Agostinho concebia como ‘sacramentos’ uma série de coisas que não mais são consideradas de caráter sacramental; podemos citar, como exemplos, o credo e a oração do Pai Nosso”.<sup>5</sup>

Foi Hugo de São Victor que deu uma contribuição definitiva ao afirmar que os sacramentos deveriam ter um elemento físico ou material, uma semelhança com aquilo que simboliza, ter autorização das Escrituras para simbolizar e ser eficiente em conceder benefícios aos que do sacramento participam.<sup>6</sup>

Lutero deu sua contribuição definitiva ao demonstrar que os sacramentos eram promessas com sinais, sendo portanto baseados na Palavra de Deus e em um sinal exterior. Dessa forma Lutero estava confirmando a percepção da primeira geração de reformados de que os sacramentos são uma graciosa resposta de Deus a dificuldade do homem de confiar nas promessas de Deus, dando a nós sinais visíveis, como bem destaca Phillipe de Melancton, para o qual Deus teria adicionado a sua Palavra sinais, símbolos visíveis e palpáveis. Já para o reformador Zwinglio, os sacramentos deveriam ser compreendidos no contexto da comunidade, pois para ele os sacramentos estão profundamente vinculados a experiência comunitária da fé.<sup>7</sup> João Calvino destacou os sacramentos como selos da promessa de salvação, ou seja, eles ratificam as promessas de salvação de Deus em nosso coração e ao mesmo tempo são sinais da aliança, sinais do pacto da graça. É importante destacar que para Calvino o pacto da graça é o contexto no qual deve ser compreendidos os sacramentos.<sup>8</sup>

Os sacramentos são portanto, ordenanças de Cristo que dispôs a sua igreja sinais visíveis da graça invisível que nos permitem receber pela fé benefícios conquistados para nós por Jesus Cristo que celebrou mediante sua morte o pacto da graça, de maneira que nossa fé seja confirmada e nossa confiança aumentada em Cristo, avançando com a obra santificadora em nossas vidas.

## O Batismo

Ao longo de boa parte da Idade Média existia o consenso de que o número dos sacramentos seriam em sete: o batismo, a confirmação (crisma), a eucaristia, a penitência (confissão), o matrimônio, a ordem sacerdotal e a unção dos enfermos. Todavia, Lutero a princípio reconheceu apenas três – batismo, eucaristia e penitência – e mais tarde apenas dois:

<sup>1</sup> MCGRATH, Alistar. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.551

<sup>2</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997, p.466

<sup>3</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.467

<sup>4</sup> MCGRATH, Alistar. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.576

<sup>5</sup> MCGRATH, Alistar. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.577

<sup>6</sup> MCGRATH, Alistar. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.578

<sup>7</sup> MCGRATH, Alistar. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.580-587

<sup>8</sup> CALVIN, JOHN. *Institutes of the Christian Religion & 2, The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011, p.1281

batimos e eucaristia.<sup>9</sup> Esse padrão foi seguido pelos protestantes, que passaram a utilizar em sua maior parte a expressão “Ceia do Senhor” em lugar do termo eucaristia. O Concílio de Trento (1551) reafirmou os sete sacramentos da ICAR.

O batismo é uma ordenança de Cristo (Mateus 28.19) e um dos dois sacramentos da igreja cristã protestante. Basicamente, podemos considerar que as linhas de interpretação do sentido do batismo se reduzem a três: o batismo é um ato que possui valor salvífica na visão dos sacramentalistas; o batismo é um sinal e selo da aliança na visão dos calvinistas; o batismo é uma proclamação externa de nossa salvação para batistas.<sup>10</sup> Já com relação a quem deve ser batizado, sacramentalistas (católicos e luteranos) e calvinistas (presbiterianos) por verem o batismo como um sinal de que o indivíduo é parte do povo de Deus e está incluído na aliança, seja em que idade for, batizam tanto adultos que crêem no Evangelho como filhos de pais cristãos. Já para batistas o batismo está atrelado ao arrependimento e fé pessoais e portanto somente aqueles que professam sua fé em Cristo conscientemente podem ser batizados.<sup>11</sup>

É importante salientar que na perspectiva dos calvinistas e reformados o sentido do sacramento deve ser compreendido do contexto da aliança. Assim como as crianças que nasciam sob a antiga aliança estavam incluídas no povo de Deus por meio da circuncisão, seria de se esperar que os filhos de cristãos estivessem em um dado sentido incluídos no seio do povo de Deus sob o batismo. Zwínglio destacou consideravelmente este aspecto do batismo como um ato de inclusão na comunidade incluindo as crianças.<sup>12</sup> João Calvino destaca que se a antiga aliança não deixou de fora os filhos dos nosso pais na fé, quanto mais o pacto da graça não deixaria de fora os filhos de cristãos.<sup>13</sup> Em idade adulta, a criança batizada deveria professar sua fé confirmando assim os votos de seus pais feitos em sua infância.

Por fim, é importante destacar que para batistas o modo do batismo tem sua importância e seu modo correto de ser administrado – por imersão. Já para reformados e sacramentalistas em sua maioria o modo do batismo não importa tanto quanto seu símbolo apropriado – a água – e seu significado – um sinal visível da graça invisível do lavar regenerador do Espírito Santo sobre a vida do novo crente, podendo ser por efusão ou aspensão.

## A Ceia do Senhor

A Ceia do Senhor é uma ordenança de Cristo (Mt 26.17-30; Mc 14.12-26; Lc 22.7-20; 1Co 11.17-34), o segundo e último sacramento da igreja cristã protestante. Em linhas gerais, as linhas da Ceia do Senhor são quatro: a Transubstanciação católica que afirma que no instante da consagração dos elementos pelo sacerdote pão e vinho são transformados no corpo e sangue de Jesus, sendo assim a repetição do sacrifício de Cristo. Esta posição foi definida pelo Quarto Concílio Laterano (1215) e reafirmada pelo Concílio de Trento (1551); a Consubstanciação luterana afirma que embora não haja transformação dos elementos, o corpo e o sangue de Cristo estão presentes nos elementos, estão “em, com e sob” o pão e o vinho; já a concepção do Memorial afirma que a ceia é um ato memorial, uma celebração do sacrifício de Cristo e também uma forma de proclamação; e finalmente a Presença Espiritual de Cristo na ceia na perspectiva calvinista, na qual se afirma que Cristo está presente no sacramento mas não nos elementos e sim no comungante, agindo em seu coração por meio do Espírito Santo que nesse momento lhe fortalece a fé e os torna mais unidos a Cristo por meio da contemplação da gloriosa salvação obtida pela morte na cruz através dos sinais ali presentes representando o corpo partido de Cristo e seu sangue derramado.<sup>14</sup>

João Calvino destaca que por meio da Ceia do Senhor o próprio Cristo se faz presente no meio do seu povo e dá aos comungantes graças espirituais: “Almas piedosas podem experimentar grande segurança e deleite neste Sacramento; nele elas tem um testemunho de nosso crescimento em um corpo com Cristo de maneira que tudo o que é d’Ele pode ser chamado nosso”.<sup>15</sup>

É importante destacar que os benefícios do engajamento na Ceia do Senhor para a maioria dos reformados não é algo automático, mas “depende em grande parte da fé e da receptividade do participante”,<sup>16</sup> de maneira que as palavras Paulo que convocam a um auto exame e exortam o comungante a discernir o significado da Ceia mostram que “o efeito da ceia do Senhor deve depende da (ou ser proporcional a) fé demonstrada pela pessoa e de sua reação ao que se apresenta no rito. Uma compreensão correta do significado da Ceia do Senhor e uma resposta apropriada de fé são necessárias para que o rito seja eficaz”.<sup>17</sup>

<sup>9</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.579

<sup>10</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.460-464

<sup>11</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.460-464

<sup>12</sup> MCGRATH, Alister. *Teologia sistemática, histórica e filosófica*. São Paulo, Shedd Publicações, 2005, p.587

<sup>13</sup> CALVIN, JOHN. *Institutes of the Christian Religion & 2, The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011, p.1327

<sup>14</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.468-471

<sup>15</sup> CALVIN, JOHN. *Institutes of the Christian Religion & 2, The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011, p.1361

<sup>16</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.470

<sup>17</sup> ERICKSON, Millard J. *Introdução a Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p.472-473